

MULHERES, VIOLÊNCIAS E PATRIARCADO EM ROMANCES ARGENTINO E BRASILEIRO CONTEMPORÂNEOS

Carolina Montebelo Barcelos ¹

RESUMO

A literatura latino-americana contemporânea, mormente a de autoria feminina, vem abordando a violência de gênero em seus diversos matizes. Embora a figura masculina seja central neste tipo de violência, mulheres também introjetam a ordem patriarcal de controle sobre corpos femininos, o que incorre em diversas manifestações de opressão de meninas e mulheres no ambiente familiar. À vista disso, o objetivo desta comunicação é analisar os romances *Elena sabe* (2007), da argentina Claudia Piñeiro, e *Corpo desfeito* (2022), da brasileira Jarid Arraes. Trata-se de narrativas em que mulheres são vítimas de violência, mas também são perpetradoras de abusos, fruto do machismo enrustado em costumes e crenças na América Latina e promovido ou reforçado pelas instituições sociais e civis. Para fins de suporte teórico, são cotejados com os romances análises da violência contra a mulher levadas a cabo pelas antropólogas Rita Laura Segato e Marcela Lagarde y de Los Ríos. Ainda, um ensaio de Adrienne Rich sobre a opressão à sexualidade feminina, particularmente em relação à lesbianidade, e o exame de Gerda Lerner da maternidade como o papel social da mulher na sociedade patriarcal também são considerados neste trabalho. Ao final, pretende-se, em uma perspectiva comparada dos romances, apontar como as autoras abordam questões que são correntemente vistas como de âmbito privado, principalmente as que dizem respeito à sexualidade de mulheres jovens e ao direito ao aborto, mas que efetivamente representam a privação de direitos individuais.

Palavras-chave: Literatura contemporânea, Violência contra a mulher, Patriarcado, Argentina, Brasil.

INTRODUÇÃO

A literatura latino-americana contemporânea, mormente a de autoria feminina, vem abordando temas tais como sexualidade, velhice, ancestralidade, maternidade e violência de gênero em seus diversos matizes, como a física, moral, psicológica e o feminicídio. Embora a figura masculina seja central neste tipo de violência, mulheres também introjetam a ordem patriarcal de controle sobre corpos femininos, o que incorre em diversas manifestações de opressão de meninas e mulheres no ambiente familiar.

Jaime Ginzburg, em *Literatura, violência e melancolia*, afirma que a palavra “violência” remete “a situações de intimidação verbal ou humilhação grave em um

¹ Pós-doutoranda em Letras do ILE/UERJ, carolinambarcelos@hotmail.com

ambiente público (2013, p. 10), assim como a “situações difíceis de descrever, de extremo horror, de níveis de sofrimento que não deveriam existir” (2013, p. 10). Ele sublinha que há ambientes propícios para a violência, espaços públicos e privados e, entre esses, podemos citar o doméstico. Acrescentando às observações de Ginzburg, cito Diana Russell que, em seu livro sobre feminicídios, assinala que “A maioria das pessoas também são incapazes de reconhecer que a família nuclear tem funcionado como um minicampo de concentração para milhões de meninas e mulheres²” (2006, p. 349, tradução nossa).

À vista disso, o objetivo deste artigo é analisar os romances *Elena sabe* (2007), da argentina Claudia Piñeiro, e *Corpo desfeito* (2022), da brasileira Jarid Arraes. Trata-se de narrativas em que mulheres são vítimas de violência, mas também são perpetradoras de abusos, fruto do machismo encrustado em costumes e crenças na América Latina e promovido ou reforçado pelas instituições sociais e civis.

Este estudo é de caráter bibliográfico, em que os romances são cotejados com um referencial teórico multidisciplinar. Desse modo, consideram-se análises da violência contra a mulher levadas a cabo pelas antropólogas Rita Laura Segato e Marcela Lagarde y de Los Ríos e estudos do feminismo lésbico pela escritora e feminista Adrienne Rich sobre a opressão à sexualidade feminina, particularmente em relação à lesbianidade, assim como seu conceito de um *continuum* lésbico. Ainda, as reflexões da historiadora Gerda Lerner acerca das relações entre o corpo feminino e a maternidade no âmbito da ordem patriarcal compõem o arcabouço teórico.

DESENVOLVIMENTO

1. É difícil amar quem machuca o resto do mundo: análise de *Corpo desfeito*

Eu nem sabia que vó seria capaz de chorar por mainha.
Jarid Arraes

Em *Corpo Desfeito*, como em contos de outra obra de Jarid Arraes, *Redemoinho em dia quente*, o cenário é o interior do Ceará. A narradora protagonista, a jovem

² No original: “La mayoría de las personas también son incapaces de re conocer que la familia nuclear ha funcionado como un mini campo de concentración para millones de niñas y mujeres”.

Amanda, é marcada por uma herança familiar de violência e opressão. Como bem observa a pesquisadora Verônica Sayão, “Essa herança familiar para Amanda vai desfazendo seu corpo pouco a pouco: “o corpo desfeito de tanto chorar” (Arraes, 2022, p. 58)” (Sayão, 2024, p. 14).

Após a morte de sua jovem mãe Fabiana, Amanda, ainda menina, passa a ser punida pela avó Marlene, que, como em um delírio de contornos de fanatismo religioso, transforma a memória da filha em um culto, chegando inclusive a mandar esculpir uma estátua da filha, a quem chama de santa.

A própria Marlene foi vítima de reiteradas violências físicas do marido. Um exemplo disso é quando a narradora relata que

Na primeira festinha de aniversário de mainha, ele apareceu bêbado e puxou vó pelo braço até a cozinha. Tinha esquecido da festa e, em vez de ficar quieto, resolveu que a culpa era de vó por ter planejado a comemoração. Então quebrou um prato na cabeça dela e foi deitar. (Arraes, 2022, p. 27-28).

A despeito das violências físicas e morais, como quando o avô da protagonista/narradora desconfia que o bebê que a esposa gestava não era dele, mas do vizinho (Arraes, 2022, p. 26), Marlene argumentava que “marido é coisa sagrada, casamento é coisa sagrada, é a vontade da Virgem Maria, que as esposas sejam pacientes, que aceitem sua missão” (Arraes, 2022, p. 34). Inclusive escorraçava a filha dizendo que pelo menos ela tinha um pai, enquanto Amanda nem isso: “Dizia que eu era uma menina órfã, sem família, e que eu tinha a cara de qualquer um” (Arraes, 2022, p. 30). Destarte, nas memórias de Amanda, tanto a avó quanto o avô maltratavam a filha e, por isso, apesar de gostar que o avô a chamasse de Amadinha, entende que “é difícil amar quem machuca o resto do mundo. O carinho recebido tem uma cara que é tão marcante quanto falsa” (Arraes, 2022, p. 31).

Assim, para evitar que Amanda viesse a ser quenga e rapariga como a mãe (Arraes, 2022, p. 34), a menina é submetida a privações extremas e rituais que, segundo a avó, seriam ordens da filha por ela *tornada santa* para uma purificação da neta. Acreditando que Amanda é desobediente, a avó lhe impõe uma série de castigos, desde os físicos, como espancá-la, até psicológicos, como jogar todas as roupas da menina fora, fazendo com que ela só tenha dois vestidos feios e iguais, obrigá-la a tomar banhos rápidos e com a porta do banheiro aberta para que não tivesse contato íntimo com o corpo, proibi-la de usar perfumes e xampus e de ter qualquer contato com meninos. Destarte, Verônica Sayão,

a casa-corpo agride tanto quanto a avó, pois se torna ambiente de cárcere, punição e ordem, principalmente o quartinho de oração – isso porque o quarto simboliza o coração de tudo aquilo que Marlene acredita, pois lá reside a santa Fabiana, a imagem que condensa todas as opressões que Amanda experiencia. (Sayão, 2024, p. 14).

A partir da análise do patriarcado latino-americano e sua consequência para as mulheres, Marcela Lagarde y de los Ríos desenvolveu o termo *cativeiro* como categoria, em uma perspectiva antropológica, para analisar o lugar da mulher na América Latina. Segundo a antropóloga, “o cativeiro caracteriza as mulheres pela sua subordinação ao poder³” (2015, p. 80, tradução nossa), assim como “pela privação da liberdade, pela opressão⁴” (2015, p. 80, tradução nossa). No que diz respeito à privação de liberdade, a antropóloga explica que a norma hegemônica em nossa sociedade é classista, machista, heterossexual, heteroerótica e misógina. Portanto, o ambiente de cárcere da personagem Amanda que Verônica Sayão analisa em seu artigo se coaduna com a ideia de cativeiro proposta por Lagarde y de los Ríos. No caso do romance de Jarid Arraes, o cativeiro é tanto físico quanto relativo às diversas formas de opressão que Amanda, assim como sua mãe, sofrem.

Dentre o horror da narrativa, Amanda encontra em sua amiga Jéssica o único amparo em sua vida de sofrimento. Em determinado momento, elas inclusive se tocam e se beijam. A relação de amizade e amor das duas constitui o que Adrienne Rich conceitua como um *continuum* lésbico. A esse respeito, diz a intelectual feminista estadunidense:

Entendo que o termo *continuum* lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o fato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. Se nós ampliamos isso a fim de abarcar muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político [...] (Rich, 2010, p. 36).

Trata-se, portanto, de sororidade. Jéssica, que conheceu Amanda na escola, ao longo de toda a narrativa é quem mantinha amizade e carinho pela personagem. É a única referência de amor na vida de Amanda desde quando sua mãe faleceu tragicamente.

³ No original: “El cautiverio caracteriza a las mujeres por su subordinación al poder”.

⁴ No original: “por la privación de la libertad, por la opresión”.

2. Quem matou Rita? Análise de *Elena sabe*

Elas discutiam como se cada palavra fosse um chicote.

Claudia Piñeiro

Em *Elena sabe*, com um narrador onisciente, Elena é uma senhora viúva argentina acometida pela Doença de Parkinson. Desde que sua filha, Rita, apareceu enforcada nos fundos da igreja do bairro que frequentava, a investigação feita pela polícia foi encerrada, mas ela está certa de que a filha não se suicidou. Embora tivesse a saúde debilitada, Elena decide investigar a morte da filha e por isso precisa de ajuda.

No romance policial tradicional, o investigador/detetive tem por objetivo encontrar o culpado de um crime, quase sempre um assassinato. Mas, tal qual outras obras de Claudia Piñeiro que desconstroem o protagonismo do detetive na resolução do crime, em *Elena sabe* é a protagonista que toma para si essa função. Tratar-se-ia, portanto, de um anti-romance detetive. A esse respeito, Stefano Tani, professor de literatura comparada, explica:

O romance policial, um gênero ‘menor’ e reconfortante que supostamente deve satisfazer as expectativas do leitor, torna-se assim o meio ideal do pós-modernismo em sua forma invertida, o anti-romance detetive, que frustra as expectativas do leitor, transforma o gênero da mídia de massa em uma expressão sofisticada da sensibilidade de vanguarda e substitui o detetive como personagem central e ordenador pela admissão descentralizada e caótica do mistério, da não solução⁵” (Tani, 1984, p. 40, tradução nossa).

Ainda, ao contrário do detetive sagaz e lépido, Elena se encontra totalmente debilitada.

A narrativa mescla o presente de Elena no seu périplo em busca do assassino de sua filha, o passado do relacionamento das duas, marcado por intensas agressões e brigas, e capítulos que parecem dar pistas de como ocorreu a morte de Rita.

Elena acredita que Rita não se suicidou nos fundos da igreja porque no dia estava chovendo e a filha jamais iria à igreja em dia de chuva porque tinha medo de raios e sabia que a cruz sobre a igreja os atraía. Das pistas que parecem surgir ao longo dos capítulos,

⁵ No original: “The detective novel, a reassuring ‘low’ genre that is supposed to please the expectations of the reader, thus becomes the ideal medium of postmodernism in its inverted form, the anti-detective novel, which frustrates the expectations of the reader, transforms massmedia genre into a sophisticated expression of avant-garde sensibility, and substitutes for the detective as central and ordering character the decentering and chaotic admission of mystery, nonsolution”.

como suspeitas sobre o namorado de Rita ou o padre a quem ela confessava, nenhuma traz fortes evidências e acabam por se mostrarem frágeis e, posteriormente, descartadas.

Elena quer investigar a morte da filha pelo sentimento de ser mãe, não necessariamente por elas terem tido uma vida de amor e carinho. Embora Rita cuidasse da mãe enferma por Parkinson, toda a trajetória delas é de agressões, “chicotada atrás de chicotada⁶” (Piñeiro, 2015, p. 13, tradução nossa), como nos seguintes diálogos das duas: “Pelo menos eu tenho um homem que me ama, se isso te faz feliz, filha, é difícil ser feliz ao seu lado, mãe, disse Rita⁷” (Piñeiro, 2015, p. 14, tradução nossa) e “Com esse caráter podre você nunca será feliz, o que se herda não se rouba, mãe, será, retrucou Elena e elas não se falaram mais⁸” (Piñeiro, 2015, p. 14, tradução nossa).

A questão da maternidade é central no romance. Tanto para Rita, quanto para Elena, que apenas teve uma filha, enquanto Rita nunca se casou ou engravidou. Houve momentos tensos quando Elena suspeitava que Rita fosse estéril e ela precisou passar por um humilhante exame médico feito por homens para comprovar sua fertilidade. A esse respeito, segundo Gerda Lerner (2019), a tradição – patriarcal - naturaliza a maternidade como destino essencial e universal das mulheres; seu valor social estaria, assim, restrito à função reprodutiva feminina. Dessa forma, mulheres que não querem ou não podem se tornar mães são vistas como desviantes, pois se afastam do papel que lhes foi historicamente atribuído como imperativo para o progresso da sociedade. Destarte, “considera-se a função materna uma necessidade da espécie, uma vez que as sociedades não teriam conseguido chegar à modernidade sem que a maioria das mulheres dedicasse quase toda a vida adulta a ter e criar filhos” (Lerner, 2002, p. 53).

Rita, árdua defensora de dogmas religiosos, portanto, introjeta essas convicções com tanta força que acaba tomando decisões pelos outros, como impedir que uma mulher realizasse aborto de um filho indesejado. Posteriormente, revela-se que a única experiência sexual que essa mulher teve foi o estupro pelo marido e, por isso, não queria gestar um filho dele, que acabou nascendo.

⁶ No original: “Latigazo tras latigazo”.

⁷ No original: “al menos tengo un hombre que me quiere, si eso te hace feliz, hija, difícil ser feliz al lado tuyo, mamá, lanzó Rita”.

⁸ No original: “con ese carácter podrido nunca vas a ser feliz, lo que se hereda no se roba, mamá, será, retrucó Elena y ya no hablaron más”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se nos romances de Jarid Arraes e Claudia Piñeiro o incômodo protagonismo de mulheres em oprimir outras mulheres, revelando, assim, como não só os homens, mas também mulheres internalizam e reforçam a estrutura patriarcal, promovendo a violência social, física, psicológica e política de outras mulheres. E nenhum dos romances têm final feliz, apontando para o fardo que a vida de Amanda continuaria sendo e para o fardo que Elena seria na vida da filha após o médico dizer que ela definharia até não ter autonomia física e mental para fazer coisas ou até mesmo se alimentar. Desse modo, embora Amanda conseguisse se libertar da avó, há sinais no final do romance que nem assim sua vida melhoraria significativamente; e Rita, a despeito dos preceitos do cristianismo, realmente se suicida pelo temor de ter sua vida restrita aos cuidados com sua mãe.

Como evidenciado nos romances aqui analisados, no universo de promoção e perpetuação da violência contra a mulher, sob o manto do patriarcalismo, situa-se o papel substancial da religião. Ademais, o cristianismo, conforme interpretado e praticado na América Latina por diversas igrejas e organizações religiosas cristãs, reforça as duas *leis do patriarcado* (cf. SEGATO, 2006): a norma do controle ou posse sobre o corpo feminino e a norma da superioridade masculina.

Nesse sentido, em pesquisa sobre o papel que a religião exerce sobre a violência contra meninas e mulheres, Elisabet Le Roux assevera que “religião e cultura estão inerentemente entrelaçadas⁹” (Le Roux, 2023, p. 37, tradução nossa) e que instituições religiosas promovem práticas prejudiciais às mulheres alicerçadas em ideias e preceitos religiosos, tais como virgindade e pureza sexual, que, embora muitas vezes tenham consequências danosas, são práticas consideradas virtuosas e que impedem o pecado maior, que seria a impureza sexual (Le Roux, 2023, p. 42, tradução nossa).

Em artigo em que analiso outro romance de Claudia Piñeiro, *Catedrales*, observo que

Le Roux intersecciona religião e patriarcalismo, de forma que as instituições e os preceitos religiosos “não estão apenas envolvidos em algumas práticas patriarcais emprestadas de uma sociedade patriarcal, mas são uma estrutura chave que apoia e perpetua o patriarcado¹⁰” (Le Roux, 2021, p. 47, tradução nossa). A pesquisadora também chama atenção para o papel que muitas

⁹ No original: “religion and culture are inherently entangled”.

¹⁰ No original: “are not merely engaging in a few patriarchal practices borrowed from a patriarchal society, but are a key structure supporting and perpetuating patriarchy”.

mulheres exercem reforçando, se adequando ou apoiando a ordem patriarcal (Barcelos, 2025, p. 280).

Destarte, se o feminismo nos legou a sororidade, isso só está presente na relação de amizade da protagonista de *Corpo desfeito* com a personagem Jéssica, além das memórias de Amanda de quando a mãe era viva e lhe dava carinho. No mais, as relações da avó de Amanda com a filha eram de agressão moral, da avó com a própria Amanda era de todo tipo de violência, e das mulheres entre si em *Elena sabe* também de diversas violências. Ilustra-se, portanto, esse papel que muitas mulheres exercem, mormente no meio doméstico, de reforçar a ordem patriarcal por meio do fundamentalismo religioso.

Os romances em questão expõem a situação da mulher latino-americana, conforme assevera Marcela Lagarde y de los Ríos: um corpo-para-outros. Como sustenta a antropóloga:

Todas as mulheres são prisioneiras de seu corpo-para-outros, procriador ou erótico, e de seu ser-de-outros, vivenciado como sua necessidade de estabelecer relações de dependência vital e submissão ao poder e aos outros. Todas as mulheres, para o bem ou para o mal, definidas pela norma, são politicamente inferiores aos homens e umas às outras. Por serem-de e para-outros, elas são filosoficamente definidas como entidades incompletas, como territórios, prontos para serem ocupados e dominados por outros no mundo patriarcal¹¹ (2015, p. 84, tradução nossa).

Vemos, portanto, a partir dos romances aqui estudados, os protótipos de mulheres do patriarcado, a mulher que deve agradar o homem, seu objeto sexual, a mulher dedicada ao casamento, a mulher obrigada a ser casta e sexualmente pura e a mulher cuja função precípua é gerar filhos.

ABSTRACT

Contemporary Latin American literature, particularly that written by women, has addressed gender-based violence in its various forms. Although the male figure is central to this type of violence, women also internalize the patriarchal order of control over female bodies, resulting in various manifestations of oppression of girls and women within the family realm. In light of this, the objective of this paper is to analyse the novels *Elena Sabe* (2007), by Argentinean Claudia Piñeiro, and *Corpo Desfeito* (2022), by Brazilian Jarid Arraes. These are narratives in which women are victims of violence, but also perpetrators of abuse, a result of the sexism embedded in customs and beliefs in Latin America and promoted or reinforced by social and civil institutions. For theoretical purposes, analysis of violence against women carried out by anthropologists Rita Laura Segato and Marcela Lagarde y de Los Ríos are compared with the novels. In addition, an essay by Adrienne Rich on the oppression of female sexuality, particularly in relation to

¹¹ No original: “todas las mujeres están cautivas de su cuerpo-para-otros, procreador o erótico, y de su ser-de-otros, vivido como su necesidad de establecer relaciones de dependencia vital y de sometimiento al poder y a los otros. Todas las mujeres, en el bien o en el mal, definidas por la norma, son políticamente inferiores a los hombres y entre ellas. Por su ser-de y para-otros, se definen filosóficamente como entes incompletos, como territorios, dispuestas a ser ocupadas y dominadas por los otros en el mundo patriarcal”.

lesbianity, and Gerda Lerner's examination of maternity as the social role of women in a patriarchal society are also considered in this investigation. Finally, from a comparative perspective of the novels, the conclusion of the article points out how the authors approach issues that are frequently seen as private, especially those concerning the sexuality of young women and the right to abortion, but which effectively represent the deprivation of individual rights.

Keywords: Contemporary literature, Violence against women, Patriarchy, Argentina, Brazil.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Corpo desfeito**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2022.

BARCELOS, Carolina Montebelo. Estado e religião como dispositivos de violência contra a mulher na literatura argentina contemporânea: um estudo de *Catedrales*, de Claudia Piñeiro. **Revista de Letras Norte@mentos**, v.18, n. 51, p. 274-284, 2025. Disponível em: <<https://doi.org/10.30681/rln.v18i51.13777>>. Acesso em 23 ago. 2025.

GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2013.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 2. ed. México, D.F.: Siglo XXI Editores, 2015.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

LE ROUX, Elisabet; PERTEK, Sandra Iman. **On the significance of religion in violence against women and girls**. Nova Iorque: Routledge, 2023.

PIÑEIRO, Claudia. **Elena sabe**. Buenos Aires: Alfaguara, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, v. 4, n. 5, nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>>. Acesso em: 10 set. 2024.

RUSSELL, Diana E.; HARMES, Roberta A. **Feminicídio: uma perspectiva global**. México: Universidad Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2006.

SAYÃO, Verônica Farias. “Eu já me sabia fragmentada”: o corpo infante como local de violência em *Corpo desfeito*, de Jarid Arraes. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 1-17, jan.-dez. 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1984-4301.2024.1.46155>>. Acesso em 18 ago. 2025.



SEGATO, Rita Laura. **Que és um feminicídio**. Notas para un debate emergente. Brasília, 2006. Disponível em: <<https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2024.

TANI, Stefano. 1984. **The doomed detective**: contribution of the detective novel to postmodern American and Italian fiction. Carbondale: Southern Illinois UP, 1984.